

Carta ao ruído negro

(Letter to black noise)

(Carta al ruido negro)

Ramon Victor Belmonte Fontes¹

RESUMO: Ecoando fragmentos sonoros e imagéticos de quatro documentários musicais – O último anjo da história, de 1996; Daquele instante em diante, de 2011; Miles Davis, inventor do cool, de 2019; ReMastered: O diabo na encruzilhada, de 2019 –, a produção epistolar de inspiração afrofuturista reflete sobre as potencialidades do ritmo, da música, do som e do ruído para as subjetividades e corporalidades negras.

PALAVRAS-CHAVE: Documentário. Carta. Ruído. Ritmo. Música.

Abstract: Echoing sound and image fragments from four musical documentaries – The last angel of history, 1996; Daquele instante em diante, 2011; Miles Davis, birth of the cool, 2019; ReMastered: devil at the crossroads, 2019 –, the Afrofuturist-inspired epistolary production reflects on the potential of rhythm, music, sound and noise for black subjectivities and corporeality.

Keywords: Documentary. Letter. Noise. Rhythm. Music.

Resumen: Haciendo eco de fragmentos de sonido e imagen de cuatro documentales musicales – O último anjo da história, 1996; Daquele instante em diante, 2011; Miles Davis, inventor do cool, 2019; ReMastered: O diabo na encruzilhada, 2019 –, la producción epistolar de inspiración afrofuturista reflexiona sobre el potencial del ritmo, la música, el sonido y el ruido para las subjetividades y corporeidades negras.

Palabras clave: Documental. Carta. Ruido. Ritmo. Música.

Algum lugar do Sul Global, 23 de dezembro de 3_ _ _ , às 21h52min

Parente,

Vou tecendo estas linhas sem saber ao certo como elas lhe encontrarão ou, como numa espécie de alumbramento, se elas serão capazes de comunicar minimamente o estado das coisas em que nos encontramos. Meu desejo genuíno é o de ensaiar, aqui, oralituras² de um tipo

1 Comunicólogo - Relações Públicas (UNEB), Mestre em Cultura e Sociedade (PósCultura/UFBA), Especialista em Estudos Culturais, História e Linguagens (UNIJORGE) e doutorando em Literatura e Cultura (PPGLitCult/UFBA). Multiartista em processo, desenvolve reflexões em torno das questões de gênero e sexualidade, nas intersecções entre raça, saúde, território e memória, com particular interesse na literatura enquanto uma linguagem expandida, abarcando as artes performáticas, a música, o cinema e o teatro afrodiáspóricos. E-mail: ramon_fontes@hotmail.com.br.

2 “No âmbito da oralitura gravitam não apenas os rituais, mas uma variedade imensa de formulações e convenções que instalam, fixam, revisam e se disseminam por inúmeros meios de cognição de natureza performática, grafando, pelo corpo imantado por sonoridades, vocalidades, gestos, coreografias, adereços, desenhos e grafites, traços e cores, saberes e sabores, valores de várias ordens e magnitudes, o logos e as gnosos afroinspirados, assim como diversas possibilidades de rasura dos protocolos e sistemas de fixação excludentes e discriçionários”. (MARTINS, 2021, p. 41-42)



Artigo licenciado sob forma de uma licença Creative Commons [Atribuição 4.0 Internacional](https://creativecommons.org/licenses/by-nc/4.0/). (CC BY-NC 4.0)

Recebido em 31/12/2021

Aceito em 29/03/2022

interessado nas sapiências produzidas pelo ruído negro com a devida atenção e respeito aos segredos³ que, em silêncio, ecoam pelos arrabaldes de cá... Sigo atenta, mesmo atravessada pelos adoecimentos sônicos do labirinto... Imagino que tu ainda não saibas, por completo, sobre tudo que nos ocorreu desde as últimas investidas dos ritornelos, mas em outra oportunidade – Oxalá seja logo! – nos encontraremos no karaokê de Dina tomando aquela cerveja geladinha e comendo uma maniçoba. Só assim me sentirei segura para lhe cantar tudo, apesar das esquinas perigosas.

Há duas semanas de relógio consegui, enfim, encontrar o parente Ladrão de Dados! Já não era sem tempo... Contou-me que esteve com Akomfrah⁴ a penetrar nas caixas há muito empoeiradas da fileira dezessete, na torre sul, e agora percebo o bem que isso me fez. Confiou-me três daqueles escalafobéticos patuás após eu entoar o ruído negro por cerca de duas luas, mandou-lhe beijos positivos e pediu que, quando eu estivesse tecendo essa composição, e você as ouvindo, redobrássemos os cuidados com os cães, pois estavam cada vez mais enraivecidos após o último surto. Você ainda tem o pó picante aí, né? Passe generosamente na porta da frente e de trás enquanto sibila as três cantigas pro Dono da Rua e não esqueça, pelo amor de Deize⁵, de abrir uma bebida pra Moça. Se não tiver mais do pó picante no frasco verde, perto da lareira, vá até o vinil do Robert Johnson e pegue mais no envelope pardo, em que tem escrito, à tinta roxa, o código *Hellhound on my trail*. Bom, beijos e recomendações repassadas. Vou cuidar, agora, do que intuí e imageei desde os documentários musicais que tu me incumbistes de apreciar, em busca de planos de fuga.

Como você já tá careca de saber – não pude deixar de usar essa metáfora, principalmente agora, depois de dar de comer ao *Ori*⁶ –, eu vou preferir compor a partir da estética de retalhos⁷ da

3 “Não importa qual seja a forma de dissidência considerada, o segredo sempre desempenha um papel criador e dinâmico: prática do segredo (senhas, códigos, itinerários cantados, etc.), a experiência do segredo com frequência, uma experiência do sagrado, o segredo representando um conhecimento proibido), comunidade do segredo (a dos conjurados, ligados pelo segredo)”. (BONA, 2020, p. 35)

4 Ladrão de dados (*Data thief*, no original) é o personagem que guia a história ficcional no documentário *O último anjo da história* (1996), dirigida pelo cineasta John Akomfrah.

5 A expressão “pelo amor de Deize” dialoga intertextualmente com a conhecida expressão brasileira, de acepção cristã, “pelo amor de Deus”. Ao modificar o referente Deus por Deize, busca-se profanar, desde a linguagem, a autoridade de uma figura masculina, branca e localizadamente europeia, como convencionou-se representar o Deus do ocidente. Deize, como referente, alude diretamente a cantora de funk carioca Deize Tigrona, mulher negra, periférica e com atuações artísticas que questionam profundamente o *status quo* da sociedade racista e misógina brasileira. Na mesma esteira profanatória, e num diálogo hipertextual, a expressão refere-se, também, a composição musical *Pelo amor de Deize*, composta e interpretada por Jup do Bairro – uma pessoa trans e negra –, juntamente com Deize Tigrona, no álbum *Corpo sem juízo*, lançado em 2020.

6 Cabeça, em yorubá.

7 A estética ou retórica de retalhos “alude a uma técnica de composição, na qual objetos, figuras, e temas evocados são elaborados de restos, retalhos e resíduos do cotidiano, alinhavados numa partitura que, como tecelaria, prima pela justaposição de contrastes, cores, desenhos e traçados aparentemente destoantes e desalinhados, como uma panaria de arabescos que se fabricasse por um ritual corriqueiro de uso diverso, como uma inscrição hieroglífica”. (MARTINS,

Periódicus, Salvador, n. 17, v.1, jan.2022-jun.2022 – Revista de estudos indisciplinados em gêneros e sexualidades

Publicação periódica vinculada ao Núcleo de Pesquisa NuCuS, da Universidade Federal da Bahia – UFBA

ISSN: 2358-0844 – Endereço: <http://www.portalseer.ufba.br/index.php/revistaperiodicus>



Leda⁸. Primeiro porque o gênero cinematográfico que você conseguiu encadear dessa vez transporta-me sempre para o velho dilema de Marujo: fincar-se na terra ou bailar-se pelo mar? É, pelo menos para mim, um dilema que tem a ver exatamente com “os limites constitutivos do arquivo” (HARTMAN, 2020, p. 28), que engendram a construção narrativa típica desse gênero. Explico-me: fincar os pés em terra me parece um tipo de ação destinada ao exercício, digamos, mais interpretativo, interessado por toda a sorte de análise discursiva e, no limite, pela ordenação representativa sugerida pela sequência de cenas. Alguns de seus correspondentes podem não concordar comigo, mas acho que essa vontade de aterramento está intimamente ligada à celebração da memória daqueles que nos expropriaram a força física – o axé, a poesia e o que antigamente compreendíamos por “nosso chão”. Essa ânsia de aterramento é irmã gêmea da propriedade privada, aquela que nos obrigou a monoculturar tudo, naqueles tempos. Já o balé no mar, *b'alémar*, nos conduz novamente à Kalunga grande e nos conecta com o espaço-tempo ancestral, em que o que importa é o encontro e o que ele pode... aqui, já não se trata de narrar um determinado arquivo sob lentes específicas ou interpretá-lo e esmiuçá-lo até que saia uma história única. Bailar além mar é, pelo menos no sentido do dilema em que me pusestes, o resultado de um fazer entendido como “narrativa recombinante, que enlaça os fios de relatos incomensuráveis e que tece passado, presente e futuro” (HARTMAN, 2020, p. 29) para conseguirmos, minimamente, atualizar o encontro, respirar, recontar/refazer nossas *herstories* e sentir ao nível quântico de nossa psique a presença indelével das partículas atômicas daquelas que mergulharam ou se afogaram antes da grande onda... No dilema de Marujo, o mar oferece, desde a perspectiva literária dessa carta até a perspectiva do encontro com o cinema documentário musical, “um movimento performático inovador, tensionado por um pensamento *sui generis* de intervenção e remodelação *das cenas*” (MARTINS, 2021, p. 175, grifo nosso), isto é, a partir do mar, recusa-se o domínio, a propriedade, a certeza e a história única e o corpo aceita o movimento como coreografia da vida. Afinal, alguém ou algo consegue cercar o mar? A gente sabe bem que não... Lembra daquela pintura que tinha na parede da sala da anciã, em que ela nos ensinava sobre a soberba das pessoas e(mbran)squecidas? *A balsa da Medusa*, se bem me recordo... enfim, sigo na composição com a oralitura vinda daquele velho e carismático Marujo que Yá Dona Zulmira

2021, p. 175)

8 Leda Maria Martins, influente intelectual negra do pensamento contemporâneo, desenvolve suas poéticas em torno das performances afro-brasileiras e desdobra sua produção na poesia, na dramaturgia, no gênero literário ensaio e, também, em escritas de caráter mais acadêmico, como performada pela territorialidade universitária. A sua obra maneja conceitos como: “encruzilhada”, “tempo espiralar”, “oralituras”, “estética de retalhos”, “performances afro-brasileiras”, entre outros.



incorporava: “Adeus, camarada, adeus! Adeus, que eu já vou-me embora! Foi no balanço do mar que eu vim, é no balanço do mar que eu vou embora!”.

Verifiquei minuciosamente a sequência dos corpo-tela⁹ que tu conseguistes encadear naqueles chips já bem danificados, mas não te preocupes, pois consegui restaurar e viralizar várias cópias... No momento em que lhe escrevo, elas já estão a caminho de encontrar os postos de outras lideranças da nossa batucada. A revolução não foi silenciada, confie! Segue a seguir os meus apontamentos sobre eles:

1 n¹: ecos da negrura

No perfil dos parentes assassinados pela Ordenação, verifiquei a marca indelével daquela tática há muito praticada para nos fazer crer numa falsa integração, ninada por um *modus operandi* que Eles¹⁰ chamam de “sem conflitos ou didático”. Veja, os companheiros Miles Davis, Robert Johnson e Itamar Assumpção, pelos fragmentos que recuperei – em *Miles Davis, inventor do cool* (2019), *ReMastered: o diabo na encruzilhada* (2019) e *Daquele instante em diante* (2011), respectivamente –, sucumbiram, em grande medida, pelos efeitos do racismo e de sua engrenagem via gramática racial. (SILVA, 2019) Uma das características que me faz afirmar isso é, justamente, a dimensão fragmentada das psiques, percebidas quer pelo uso abusivo de substâncias psicoativas ou mesmo pelo modo paranoico de encarar o Mundo Ordenado, o mundo das categorias em que o racial faz sentido. (SILVA, 2019) Se no uso abusivo a gente notava um desejo que não era exatamente o de uma breve e prazerosa fruição, na interpelação paranoica do “ao redor” pude conversar depois com Neusa¹¹, tratava-se, sobremaneira, da necessidade de experienciar uma outra realidade em que o terror antinegro e a sua animalização não fossem a tônica do real... Você certamente se lembra de Estamira Gomes de Sousa, Arthur Bispo do Rosário, Stella do Patrocínio,

9 “Composto por condensações, volume, relevo e perspectivas, superfície, fundo e película, intensidades e densidade, o corpo-tela é um corpo-imagem constituído por uma complexa trança de articulações que se enlaçam e entrelaçam, onduladas com seus entornos, imantadas por gestos e sons, vestindo e compondo códigos e sistemas. Engloba movimentos, sonoridades e vocalidades, coreografias, gestos, linguagem, figurinos, pigmentos ou pigmentações, desenhos na pele e no cabelo, adornos e adereços, grafismos e grafites, lumes e cromatismos, que grafam esse corpo/corpus, estilisticamente como locus e ambiente do saber e da memória. Como tal e *kinesis*, impulso cinético, uma condensação significativa, síntese performática por excelência, em toda a gama extensiva de sua natureza, como hábito, conduta, léxico e ideograma. Um corpo, síntese poética do movimento. Um corpo hieróglifo”. (MARTINS, 2021, p. 75)

10 O pronome grafado com inicial maiúscula refere-se diretamente à operação da norma, da hegemonia: a figura do Homem, branco, cisgênero, forjado a partir das categorias da razão moderna.

11 Neusa Santos Souza (1983), intelectual negra cachoeirana (BA), foi escritora, psiquiatra e psicanalista. Sua obra inaugura, com mais profundidade, na paisagem psicossocial brasileira um interesse e cuidado em torno das questões que atravessam a experiência subjetiva de ser negra/negro/negre. O seu livro *Tornar-se Negro: as vicissitudes da identidade do negro brasileiro em ascensão social*, lançado em 1983 e reeditado em 2021, é uma obra que segue como clássica – ainda que invisibilizada pelas dinâmicas da gramática racial brasileira –, sobretudo, nas bibliografias de cursos de psicologia, psiquiatria e psicanálise.



Lima Barreto, Jean-Michel Basquiat, Julius Eastman e Yuri Torres Paes Tripodi, bem como de tantas das nossas que adoeceram gradativamente pelas teias da Ordenação. Não à toa prescindimos de amuletos, patuás e da intuição, afinal a sensação de que a qualquer momento podemos ser linchadas, que o linchamento está prestes a acontecer, é de um terror sem fim, é asfixiante. Essa memória ecoa em nossas psiques e em nossos corpos investidos de negrura... O sempre-já do sufocamento, reiterado na súplica e no testamento deixado pelas últimas palavras do companheiro George Floyd¹²: “Não consigo respirar!”.

Na encruzilhada da raça, porém, é preciso desinvestir na visão como único sentido capaz de dar inteligibilidade à fragmentação zigzagueante do relógio! Outro dia eu estava ouvindo em looping a cantiga entoada por Estamira¹³ e captei o espírito da fuga quando ela cantarolou: “As andorinhas voltaram, eu também voltei! E como andorinha, voando sozinha, Eles acharam que não fazia verão [...] E como andorinha, voando sozinha chama o batalhão. Voa, andorinha branca!”. (ESTAMIRA, 2014) O ritmo é um fóssil capaz de fazer montar e desmontar as imagens que sempre se colocaram sobre nós, não esqueça disso! Debaxo da terceira gaveta da cozinha, onde estão os *òbè*¹⁴ afiados, você pode consultar os fragmentos do ancião Na'im (AKBAR, 2004) sobre a importância de não esquecermos o ritmo como fundante dessa “nossa milenar resistência” (EVARISTO, 2017), pacientemente tecida nos labirintos subterrâneos (MOMBAÇA, 2018). Dito isto, preciso também enaltecer o vigor empreendido por nossos parentes abatidos pela Ordenação, pois, mesmo adoecidos pelas tentativas de manter um equilíbrio naquele aterrorizante mundo da brancura e de suas “cordas-bombas”, foram capazes de desenhar as rotas de fuga que nos trazem, aqui e agora, sempre-já, à essa possibilidade furtiva de comunicação. Leda, desde aquele encontro junino, vem nos lembrando dessa nossa capacidade de “dupla face, de dupla voz”¹⁵. (MARTINS, 2021, p. 115) Por isso, sigo reafirmando que é pelo ritmo que a gente conseguiu construir e manter essa infraestrutura ancestral, desmontando, interrompendo, incidindo e propondo outras

12 George Floyd era um cidadão afro-americano que foi assassinado pelo policial branco Derek Chauvin ao ser mantido em sufocamento por exatos oito minutos e quarenta e seis segundos sob os joelhos de tal funcionário de polícia.

13 A cena referida faz parte do documentário Estamira (2014), dirigido por Marcos Prado. A narrativa é construída em torno da história de vida de Estamira Gomes de Sousa, mulher negra e neurodivergente, vivente e trabalhadora no aterro sanitário Jardim Gramacho (RJ).

14 Faca, em yorubá.

15 “A cultura negra nas Américas é de dupla face, de dupla voz, e expressa, nos seus modos constitutivos fundacionais, a distinção entre o que o sistema social pressupunha que os sujeitos deviam dizer e fazer e o que, por inúmeras práticas realmente diziam e faziam. Nessa operação de equilíbrio assimétrico, o deslocamento, a metamorfose e o recobrimento são alguns dos princípios e táticas básicos, operadores da formação cultural afro-americana, que os estudos das práticas performáticas reitera e revela”. (MARTINS, 2021, p. 115-116)



possibilidades para as nossas vidas desimportantes – ou, como nos ensinou Seu Matheus¹⁶, nossas vidas recuadas (SANCHES, 2016) – ao Mundo Ordenado.

2 n²: ruído negro

Pinçando entre os fragmentos que recuperei, é impossível não reconhecer os desenhos e as pegadas sônicas que as pessoas parentes deixaram para nos guiar pelo labirinto... a encruzilhada¹⁷ em Robert Johnson, Miles Davis e Itamar Assumpção não é uma metáfora! É preciso que você consiga ecoar esse ensinamento pelas bandas daí. Na encruza, é “a performance quem engendra as possibilidades de significância e a eficácia da linguagem ritual” (MARTINS, 2021, p. 94-95, grifo meu) e é nela em que estão matizadas a ginga, o recuo e a investida, todas sob o compasso de trio... Juana nos confidenciou naquele xirê quentíssimo dedicado aos Caboclos, Pretos Velhos e Marujos¹⁸ que “toda a formulação do som nasce como uma síntese, um terceiro elemento [...]. O som é o resultado de uma estrutura dinâmica, em que a aparição do terceiro termo origina movimento. Em todo o sistema, o número três está associado ao movimento”. (SANTOS, 2012, p. 50) O Rum, o Rumpi e o Lé do Candomblé e da Capoeira “é o três do Jongo e dos Tambores Minas, é o três dos Batuques, assim como é o três dos Candombes, na prática dos Reinados, índices do movimento espiralar”. (MARTINS, 2021, p. 91) Marrón¹⁹, em diálogo com as “variações do belo” em Mbembe (2005), também chamou atenção para isso em seu desenho tribalista: “tríade, trinômio, trindade, trímico, triângulo, trio / Trinca, três, terno, triplo, tríplice, tripé, tribo”. (TRIBALISTAS, 2002) Leandra, que esteve aqui pouco antes d'eu começar a escrever-te, ajudou-me ao nomear a performance na encruza como uma “diáspora nos interstícios”, isto é, o que fazemos todas nós, agora mesmo, é “um movimento de escape rumo a outro terreno, outra margem, outra fronteira”. (LAMBERT, 2012, p. 187) “Uma grafia, uma linguagem,

16 Matheus Aleluia, pedagogo, compositor e músico cachoeirano (BA), compôs o famoso grupo musical brasileiro Os Ticoãs na década de 1960, responsável por grandes canções da Música Preta Brasileira (MPB), como *Cordeiro de Nanã*, *Atabaque chora*, *Promessa ao Gantois*, *Deixa a gira girar*, *Na beira do mar*, entre outras.

17 “Base de pensamento e de ação, a encruzilhada, agente tradutório e operador de princípios estruturantes do pensamento negro, é cartografia basilar para a constituição epistemológica balizada pelos saberes africanos e afrodiaspóricos. E nos oferece a possibilidade de interpretação do trânsito sistêmico e epistêmico que emerge dos processos inter e transculturais, nos quais se confrontam e se entrecruzam – nem sempre amistosamente – práticas performáticas, concepções e cosmovisões, princípios filosóficos e metafísicos, saberes diversos, enfim. [...] Operadora de linguagens performáticas e também discursivas, a encruzilhada, como um lugar terceiro, é geratriz de produção signífica diversificada e, portanto, de sentidos plurais”. (MARTINS, 2021, p. 51)

18 Entidades dos cultos afro-indígena brasileiro, sobretudo da Umbanda e do Candomblé denominado Candomblé de Angola.

19 O cantor, compositor e percussionista baiano Carlinhos Brown é conhecido na Espanha como Carlito Marrón. Ao utilizar um recurso intertextual, pretendemos fazer uma aproximação com o fenômeno da “marronagem”, como pensando por Dénêtem Touam-Bona em *Cosmopoéticas do refúgio* (2020).



desenhada nas ondulações performáticas das sonoridades e nas giras do corpo”. (MARTINS, 2021, p. 128) A sétima corda que Robert Johnson adicionou ao violão após arrear um ebó nas encruzilhadas do Delta de Mississippi e ser orientado por Exu, a sinestesia que o *Kind of blue*, de Miles Davis, nos entrega e o corre da vida narrado em primeira pessoa por Nêgo Dito Beleléu, vulgo Itamar Assumpção, são o que senão o terceiro som, o terceiro elemento, o estado de suspensão que nos empurra direto ao mundo implicado? (SILVA, 2015) Sei que você sabe disso, mas caso os seres que você irá contatar não consigam entender o que dizemos, coloque o famoso solo do hino nacional estadunidense tocado por Jimi em *Woodstock*²⁰, quando já pressentíamos o bafo quente dos cães sobre nossos pescoços, e narre as bombas, os mísseis, os tanques de guerra, os escombros, os gritos, as ambulâncias, as explosões, o enterro de um combatente, a sirene antiaérea e os acordes seguintes de *Purple haze*, tocados por Hendrix como se este fabulasse criticamente (HARTMAN, 2020) a guerra que ocorreu no que um dia foi o território do Vietnã. O ruído negro conta, experimenta e vivencia outras possibilidades que não a história única, linear e que dá sentido à noção de progresso... “É antes de tudo por meio do ritmo que o *nègre* traça uma linha de fuga” (BONA, 2020, p. 30) e “a [nossa] tarefa consiste em sobreviver na diáspora!” (HARAWAY, 2009, p. 77). Fecho os olhos e ainda consigo ver e ouvir a Danna²¹ repetindo esse fundamento antes de ser capturada por Eles... Queria ter podido abraçá-la, deixando as mágoas de lado. Por quais estações ela deve navegar agora? Sinto saudades...

3 n³: fuga²²

Quero insistir que a fuga só acontece com o ruído, e “é fato que o ruído está sempre presente – e o *silêncio absoluto* não existe. Todo silêncio é *mesmo* relativo”. (LAMBERT, 2012, p. 186, grifo da autora) Ladrão de Dados contou-me que esteve com Sun Ra e Lee Perry e eles disseram: “*Nossa música é um espelho do universo. Exploramos o futuro através da música. A fuga precisa acontecer porque é impossível para Eles que nós estejamos vivas, desde esse Mundo como Eles ordenaram*”. Por entre o ruído negro produzido pela dança das grandes falanges de Robert Johnson, a experimentação da fuga coordenada nas notas de Miles Davis e a recusa ao pertencimento do mundo branco-ordenado cantada e apurada nas composições de Itamar

20 Trecho do show disponível em: <https://bit.ly/3vYu0By>. Acesso em 29 dez. 2021.

21 Aqui há uma referência dúbia, bifurcada e intencional entre a filósofa e zoóloga Donna Haraway e Dana, personagem do livro *Kindred*, de Octavia Butler, publicado originalmente em 1979. Na trama, Dana se percebe enredada numa trama de ficção científica que atualiza as dinâmicas da maquinaria colonial e racial.

22 “A fuga não é transgressão ilusória em direção a um fora transcendente, mas secreção de uma versão subterrânea – clandestina e herética – da realidade. Pois construir uma fuga não significa ser posto para correr. Pelo contrário, é fazer o real escapar, operar nele variações sem fim para contornar qualquer tentativa de captura”. (BONA, 2020, p. 47)



Assumpção ecoa os planos de nossas ancestrais insubmissas. Fala-se muito, pelas bandas de lá, em um tipo particular de sonoridade chamada de *jungle music*, mas não vou me ater às suas particularidades, muito porque sei que meu tempo de conexão por essas linhas estão reduzidos... Mas chamo atenção para essa noção de *jungle*, de selva, que Leda ecoa de Tiganá²³, que ecoa de Fu-Kiau²⁴, ao nos dizer: “Uma floresta de um único tipo de árvore não é uma floresta, é um *n’dima*’ (pomar), não importa quão extensa seja, porque uma floresta é sempre um conjunto na diversidade”. (MARTINS, 2021, p. 57) É isso que a gente tem feito ao manter o foco na rebelião vinda de todas as partes e, por favor, não entenda isso como uma romantização ou hiperidealização do movimento... Já não é mais possível, desde esse diapasão, crer numa eterna subjugação de nossa gente. Olha o tamanho desse plano de fuga, ecoado por entre o ruído negro!!! Já tive informações de gente das artes do corpo, das artes da escrita, das artes de compreensão do labirinto e por isso repito: a revolução não foi silenciada, confie! Lembra daquela pedra que encontramos nas ruínas do século XX, que o John filmou? Anote essa frase e nunca a esqueça: A linha entre a realidade social e a ficção científica é uma ilusão de óptica. Confio, e isso pode sim ser uma característica de meu mapa astral (risos), no poder do silêncio (atotô!) e na força do amor – sei que bell²⁵ adoraria ler isso (risos). Se estiver perdida volte para a floresta²⁶, pois aqui tu sabes que não há dúvida! Beatriz nos lembra, sempre, de deixar ebós nas trilhas, ofertados aos deuses e aos nossos que fazem a travessia desde o Mundo Implicado²⁷. Na última carta do Greg, ele me escreveu, e eu acho importante dividir contigo, isso aqui: “Os guerreiros que necessitamos para avançar agora não são do tipo confrontativo, mas curandeiros. Gente que sabe como chegar onde realmente nos dói, as feridas que não podemos ver e sobre as quais ninguém gosta de falar” (TATE, 1992, p. 284). Por isso é que o ruído é matéria prima de uma cosmopoética²⁸ da fuga, pois

23 Tiganá Santana é um compositor, cantor, instrumentista, poeta, produtor musical, diretor artístico, curador, pesquisador, professor e tradutor. Mais informações disponíveis em: <https://bit.ly/3MThD0t>. Acesso em: 4 abr. 2022.

24 “*Kimwandende Kia Bunseki FuKiau* nasceu no Congo e foi um grande pesquisador das áreas da antropologia cultural, educação, biblioteconomia e desenvolvimento comunitário, autor de diversos livros e artigos, e sacerdote (iniciado) em tradições dos povos bântu-kôngo [sic]”. (SABERES TRADICIONAIS, 2020)

25 bell hooks foi uma autora e ativista afrofeminista estadunidense que é cada vez mais popular na literatura brasileira. Suas reflexões, mais afeitas ao gênero literário ensaístico, abordam a educação, o amor e a experiência de vida das pessoas atravessadas pelo signo do racial.

26 “Veja você, o refúgio florestal pode nascer tanto no coração das cidades quanto nas interzonas de trânsito: nasce dos desvios, de nossas caçadas clandestinas, de nossos contrabandos, de nossos passos perdidos e indóceis”. (BONA, 2020, p. 69)

27 Maria Beatriz Nascimento foi uma sergipana, historiadora, professora, roteirista, poeta e ativista afrobrasileira, muito conhecida por seu trabalho sobre os quilombos e as narratividades fugitivas do cenário escravista brasileiro. *Orí*, de 1979, documentário roteirizado e narrado por Beatriz, é um monumento às vidas afrobrasileiras e quilombistas.

28 “Cosmopoética não é nem um fetiche nem uma marca registrada, apenas um termo, um modo entre outros de apontar para uma relação com o mundo que privilegie a escuta – o sentido das ressonâncias e das correspondências – mais do que a visão”. (BONA, 2020, p. 11)



é “a partir dela que faremos ecoar “o diálogo obscuro, tecido de metáforas, com o conjunto de tudo que vibra” (BONA, 2020, p. 11); “[...] se não exercitamos nossa capacidade de amar e curar uns aos outros, cavando profundamente em nossas feridas mútuas, então o que estamos lutando é apenas o fim da supremacia branca – e não a cura de suas vítimas”. (TATE, 1992, p. 285)

Me despeço – com uma certeza genuína de que nos encontraremos em Dina – com os ensinamentos de Sabela, cantada por Conceição:

Os corpos que vi mortos, as moradias destruídas, a cidade arrasada, não quero dizer. O abalo visível foi nos dado a conhecer. Das chuvas me encanta o mistério. Por que as águas chovezaram com tanto desespero? O que significaram as lágrimas de Mãe Grande, como um dia, o Velho Amorescente perguntou. Das águas quero saber não dos mortos, mas, dos vivos, dos mistérios, dos milagres de quem se salvou. (EVARISTO, 2016, p. 102)

Com todo o meu amor e *Orí* sereno, certa da vitória,

Sua parente.

Referências

AKBAR, N. *Akbar papers in African psychology*. Flórida: Mind Productions & Associates, 2004.

BONA, D. T. *Cosmopoéticas do refúgio*. Tradução Milena P. Duchiede. Florianópolis: Cultura e Barbárie, 2020.

DAQUELE instante em diante. Direção: Rogério Velloso. Produção: Carol Dantas. Intérpretes: Itamar Assumpção, Arrigo Barnabé, Alice Ruiz, Jards Macalé, Anelis Assumpção, Serena Assumpção *et al.* São Paulo: Movie&Art; Itaú Cultural, 2011. (109 min), son., color.

ESTAMIRA. Direção: Marcos Prado. Produção: José Padilha, Marcos Prado. Rio de Janeiro: RioFilme, 2014. (121 min), son., color.

EVARISTO, C. *História de leves enganos e parecenças*. Rio de Janeiro: Malê, 2016.

EVARISTO, C. *Poemas da recordação e outros movimentos*. 3. ed. Rio de Janeiro: Malê, 2017.

HARAWAY, Donna. *Antropologia do ciborgue: as vertigens do pós-humano*. Tradução Tomaz Tadeu. Belo Horizonte: Autêntica, 2009.

HARTMAN, S. Vênus em dois atos. *Revista Eco-Pós*, Rio de Janeiro, v. 23, n. 3, p. 12-33, 2020.

LAMBERT, L. O terceiro som e a diáspora nos interstícios. In: SEMINÁRIO DE PESQUISADORES DO PPGARTES-UERJ: PRÁTICAS ANTROPOÊMICAS NA ARTE E NA CULTURA – VÔMITO E NÃO, 4., 2012, Rio de Janeiro. *Anais* [...]. Rio de Janeiro: Azougue, 2012. p. 184-190.



MARTINS, L. M. *Performances do tempo espiralar: poéticas do corpo-tela*. Rio de Janeiro: Cobogó, 2021.

MBEMBE, A. Variations on the beautiful in the Congolese world of sounds. *Politique Africaine*, Paris, v. 4, n. 100, p. 69-91, 2005.

MILES Davis, inventor do cool. Direção e Produção: Stanley Nelson. [S. l.]: Netflix, 2019. (115 min), son., b/w.

MOMBAÇA, Jota. Veio o tempo em que por todos os lados as luzes desta época foram acendidas. *Buala*, [S. l.], 2018. Disponível em: <https://bit.ly/3MHOSDy>. Acesso em 30 dez. 2021

O ÚLTIMO anjo da história. Direção: John Akomfrah. Produção: Lina Gopaul, Avril Johnson. Intérpretes: Octavia Butler, Greg Tate, George Clinton, DJ Spooky, Edward George. [S. l.]: Black Audio Film Collective; Núcleo Oscar Devereaux, 1996. (45 min), son., color.

REMASTERED: o diabo na encruzilhada. Direção: Brian Oakes. Produção: Eva Lipman. [S. l.]: Netflix, 2019. (48 min), son., color.

SABERES TRADICIONAIS. A visão bantu kôngo da sacralidade do mundo natural. Tradução Makota Valdina. *Saberes Tradicionais UFMG*, Belo Horizonte, 10 jun. 2020. Disponível em: <https://bit.ly/3sbsiM3>. Acesso em: 4 abr. 2022.

SANCHES, P. A. Mateus Aleluia, a voz dos recuados. *Farofafá*, São Paulo, 8 jun. 2016. Disponível em: <https://bit.ly/3kxv0aq>. Acesso em: 20 out. 2021.

SANTOS, J. E. *Os nãgô e a morte: pàde, àsèsè e o culto égun na Bahia*. 14. ed. Petrópolis: Vozes, 2012.

SILVA, D. F. *A dívida impagável*. São Paulo: Oficina de Imaginação Política; Casa do Povo, 2019.

SOUZA, N. S. *Tornar-se negro: as vicissitudes da identidade do negro brasileiro em ascensão social*. Rio de Janeiro: Graal, 1983.

TATE, G. *Flyboy in the buttermilk: essays on contemporary America*. New York: Fireside, 1992.

TRIBALISTAS. [Compositor e intérprete]: Arnaldo Antunes, Carlinhos Brown, Marisa Monte. Rio de Janeiro: Phonomotor Records; EMI, 2002. 1 CD (41 min).

